



A CORPOREIDADE PRESENTE NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS, FATOR DETERMINANTE PARA TRANSMISSÃO DA MENSAGEM

Catia Cristina Silva

Introdução

Essa pesquisa se propõe a análise da importância das expressões faciais e corporais na comunicação através da Língua Brasileira de Sinais – Libras.

Existe um considerável número de indivíduos brasileiros que não possuem condições de expressarem-se de forma compreensível, usando uma língua oral-auditiva (Língua Portuguesa ou Língua Inglesa, Espanhola, etc). Assim, ficam privados de comunicação efetiva, de exporem seus pensamentos, opiniões e sentimentos. Diante de tal situação, uma grande parcela de pessoas surdas de nosso país utiliza-se de uma língua gesto-visual, a Língua Brasileira de Sinais- Libras, para se comunicarem.

Destaca-se que as línguas de sinais, também, são reconhecidas como línguas naturais ao ser humano, uma vez que, tal como as línguas orais-auditivas, tiveram sua origem voluntariamente na construção das relações entre os indivíduos, permitindo-lhes uma nova maneira de se expressarem.

Nesse contexto, verifica-se as expressões faciais e corporais como aspectos relevantes para promoverem uma melhor comunicação entre aqueles que necessitam se fazer entender através da língua de sinais. Diante desse cenário, esse estudo apresenta o seguinte questionamento: A ausência da expressão corporal ou facial pode modificar ou inviabilizar a comunicação através das Libras?



Esse estudo se consubstancia na hipótese de que sim, a falta da corporeidade resulta na comunicação deficiente em Libras, e que para o melhor resultado da mesma é necessário que o indivíduo domine seu corpo de maneira a se expressar conscientemente através dele.

Objetiva-se com essa pesquisa analisar os aspectos conceituais, descritivos, históricos e legais da Libras. Também tem por finalidade trazer ao debate a importância das expressões faciais e corporais como elementos constitutivos e fundamentais para compreensão da comunicação através da língua de sinais.

O estudo do tema justifica-se devido à linguagem corporal na comunicação em Libras ser um elemento extremamente relevante, principalmente quando se precisa repassar uma mensagem e demonstrar coerência entre os sinais e a linguagem corporal. No entanto, são relativamente poucos os estudos acerca do tema, sendo necessário um maior aprofundamento da questão.

No contexto pessoal, o tema escolhido se torna ainda mais relevante pelo fato da autora trabalhar diretamente com a tradução de livros para a língua de sinais. Durante seus anos de atividades, identificou a dificuldade de muitos tradutores ouvintes e surdos na realização de tal tarefa. Isso porque, não é suficiente apenas que o indivíduo conheça a Libras, é necessário que todo o corpo esteja ligado com à língua, não sendo possível uma comunicação automática. Nesse contexto, torna-se imprescindível abordar a questão da expressão corporal relacionada à comunicação através da Libras.

Para melhor compreensão do tema proposto, essa pesquisa se apresenta em três capítulos dispostos da seguinte forma:

No primeiro capítulo é feita uma análise geral a respeito dos indivíduos surdos. Aborda-se a origem histórica da língua de sinais, como também seu conceito e elementos estruturais que a compõem.



No segundo capítulo se esclarece o conceito de Psicomotricidade e sua relação com o ensino da língua de sinais, como também se demonstra de que forma esta pode ser aplicada em benefício desse processo de aprendizagem.

No terceiro capítulo apresenta-se a importância da linguagem corporal na comunicação através da língua de sinais, trazendo o entendimento acerca da necessidade da utilização dos elementos corporais para o melhor entendimento das mensagens a serem transmitidas, considerando que geralmente, as pessoas ouvintes demonstram mais dificuldades no uso das expressões faciais e corporais presentes na Libras.

Surdez

Existem alguns entendimentos acerca do conceito de surdez, especialmente, no contexto da aprendizagem. A definição clínica e social de surdez constituem os principais conceitos. Torna-se essencial para os profissionais principalmente do setor educacional, detectar qual é o conceito de surdez e de pessoa surda.

No contexto clínico, a surdez é compreendida como uma patologia, um déficit biológico, e a pessoa surda, como deficiente auditivo que necessita de ajuda para promover sua reabilitação por profissionais por meio da reabilitação da fala para a inclusão do indivíduo na sociedade. (SLOMSK, 2010)

Destaca-se que com a inovação da Medicina na segunda metade do século XX, a surdez começou a ser compreendida com uma enfermidade e o indivíduo surdo como “deficiente auditivo”, que apresenta o desenvolvimento da



comunicação, linguística e cognitiva com limitações, consequência desse “déficit”. Dessa forma, a pessoa surda é reconhecida como portadora de dificuldades de linguagem e, segundo a visão clínica, a surdez classifica-se em termos de medidas audiométricas, de denominação de perdas (leve, moderada, severa e profunda). Dessa forma, o termo deficiente auditivo e/ou deficiência auditiva são clínicos, que escondem preconceitos e a não aceitação da surdez. (SKLIAR, 1997)

Diante dessa noção da surdez, a mesma é tratada na visão clínico-patológico, como uma deficiência que precisa ser tratada por profissionais e ter suas implicações reduzidas. Pelo fato de ser compreendida como estado negativo, os indivíduos buscam curá-la de diversas maneiras, sendo os tratamentos médicos uma delas. (GÓES, 1996)

Quanto a definição social da surdez, verifica-se que ao longo dos tempos busca-se afastar surdez e os surdos da classificação patológica para uma visão linguística e cultural. Nesse sentido, a surdez é compreendida como traço natural, sendo o déficit entendido com base nos seus aspectos sociais, linguísticos e culturais.

Nesse contexto, os aspectos positivos são destacados e vivenciados pelos surdos como língua, cultura e comunidade. Dessa forma, os indivíduos surdos não encaram a surdez como doença ou algo negativo que deveria ser resolvido de alguma maneira. (AFONSO, 2008)



De acordo com Afonso (2008), clinicamente a surdez é classificada em:

- a) Deficiência auditiva leve: indivíduos acometidos por perda leve de audição apresentam comprometimento em se comunicar, principalmente em situações em que exista barulho.
- b) Deficiência auditiva moderada: consiste no indivíduo que possui dificuldade de se comunicar sem o auxílio de aparelho auditivo.
- c) Deficiência auditiva severa: o indivíduo acometido por esse nível de surdez, precisa utilizar aparelho auditivo, como também são auxiliados pela leitura labial e utilização da Libras.
- d) Deficiência auditiva profunda: os indivíduos acometidos com a perda auditiva profunda apresentam dificuldade de ouvir e se utilizam da comunicação labial e ou Libras.

Explica Almeida (2000) que, os indivíduos surdos e ouvintes possuem línguas distintas. No entanto, podem e devem conviver na mesma comunidade, desde que exista o comprometimento recíproco de se conhecer ambas as línguas.

Destaca-se que, mais de 95% das pessoas surdas tem sua origem em família ouvinte. No entender de Jokinen (1999), esses indivíduos precisam ter a chance de vivenciarem uma experiência bilíngue. Esse procedimento deveria acontecer através do uso da Língua de Sinais e da Língua Portuguesa própria dos ouvintes.

Nesse contexto, essa distinção possibilita, por exemplo, que uma pessoa surda não fica indiferente no ambiente de trabalho, uma vez que, fazem uso do gestual para se comunicar, podendo também ser auxiliada por um intérprete de Libras. Já a hipótese do deficiente auditivo configura uma situação diferente, pois o mesmo é reconhecido pelo uso do aparelho auditivo ou pela dificuldade na comunicação pela forma verbal. (VALETIN, 2009)



Geralmente, o deficiente auditivo faz um enorme esforço para que não percebam sua limitação. Segundo Quadros (2004), a perda auditiva provoca em muitos casos o receio do preconceito. O fato de fazer uso de aparelho auditivo não significa que as limitações desaparecem, sendo este mais um meio de trazer maior qualidade na forma de se comunicar. Variando o tipo de limitação, perda auditiva e da fase da vida da pessoa em que foi acometida.

As pessoas vivem na dita sociedade ouvinte, na qual todas formas de comunicação decorrem da língua oral e as relações sociais estão baseadas nessa forma de interação. Nesse contexto, para se integrar tais relações se faz necessário ter conhecimento da língua majoritária; uma vez que, dessa forma o indivíduo terá a possibilidade de vivenciar experiências, adquirir conhecimentos e se incluir no processo. No entanto, tais normas não são direcionadas aos integrantes da comunidade que não possuem limitações quanto a oralidade e audição. Na hipótese das pessoas surdas, não é apropriada à língua oral devido a limitação auditiva. Dessa forma, é necessário o aprendizado e conhecimento da língua de sinais para a inclusão desse grupo de pessoas. Segundo Góes (1999), a importância da língua de sinais consiste em possibilitar ao indivíduo surdo meios para se relacionar socialmente, configurando o processo cognitivo e de afetividade, promovendo a sua interação ao meio em que vive.

Língua de sinais e sua origem

Desde a antiguidade situações com a presença de surdos já são citadas, mas sem um registro escrito da utilização de algum tipo de Língua de Sinais, este registro acontece no ano de 1644, segundo investigação histórica de Ramos (2014, p.16).



O primeiro livro conhecido em inglês que descreve a língua de sinais como um sistema complexo, na qual “homens que nascem surdos e mudos [...] podem argumentar e discutir retoricamente por meio de sinais”, data de 1644, *Chirologia* com autoria de J. Bulwer.

Mesmo acreditando que a língua de sinais que conhecia era universal e seus elementos constitutivos “naturais” (icônicos, de certa forma), o fato de ter sido publicado um livro a respeito do assunto em uma época em que eram raras as edições em geral já demonstra o interesse pelo tema, evidenciando uma preocupação com a educação dos surdos. Preocupação essa, aliás, ratificada com a publicação, em 1648, do livro *Philocophus*, do mesmo autor, dedicado a dois surdos: o baronês Sir Edward Gostwick e seu irmão William Gostwick, no qual se afirma que o surdo pode expressar-se verdadeiramente por sinais se ele souber essa língua tanto quanto um ouvinte domine sua língua oral.

Na França em 1760, na escola para crianças surdas foi desenvolvido o método de sinais para promover a alfabetização desses alunos e consiste no sistema que se utiliza na atualidade.

No ano de 1856, através de E. Huet, foi disseminada em terras nacionais, a língua de sinais originada pela ação dos franceses, com a construção da primeira escola para surdos (Instituto Nacional de Educação de Surdos). A partir de então, houve um considerável aumento no número de profissionais surdos e ouvintes levando a mais pessoas a utilização da Língua de Sinais.

A referida escola foi o marco para a criação da Língua Brasileira de Sinais. Destaca-se que, apesar da utilização da técnica, houve ainda muita resistência na sua aceitação, e debates sobre de que forma promover a aprendizagem dos indivíduos surdos. Nesse contexto, ficou determinado no Congresso Mundial de Professores Surdos realizado em 1880 em território



italiano, que os indivíduos surdos deveriam ter seu aprendizado a partir do sistema denominado puro, não cabendo a utilização de sinais.

Entretanto, em 1896 o Brasil enviou à França um professor para avaliar o método lá aplicado e verificar se a determinação do Congresso era o melhor caminho para o aprendizado dos indivíduos surdos. Com base nas avaliações do enviado, constatou-se que o sistema oral não consistia no sistema mais eficaz para todos os tipos de pessoas surdas. (PEREIRA, 2011)

Diante desse cenário, surgiram vários estudos sobre a questão, e todos apontaram para a confirmação de que a Língua de Sinais constitui o meio de comunicação através dos gestos para pessoas surdas. No ano de 1993, foi criado um projeto de lei para regulamentar a língua de sinais em todo o Brasil. Nesse contexto, com o advento da Lei nº.10.436/2002, a Libras foi oficializada com a segunda língua nacional.

Três anos mais tarde, a partir do Decreto 5.626 a Libras, teve a sua regulamentação como matéria curricular. O referido documento tornou obrigatória a utilização de Libras nos cursos de formação de professores (nível médio e superior) .

Vale destacar que, a Libras não foi criada com objetivo educacional ou de comunicação. Consiste na manifestação de natureza cultural das comunidades surdas de forma global. De acordo com Slomski (2010, p. 63),

O sinal é um elemento lexical da língua de sinais e a sinalização, por sua vez, é a fala produzida via canal visoespacial. Assim julga-se necessário atentar para as concepções de linguagem que permeiam as propostas educacionais que visam à aquisição e o desenvolvimento do instrumental linguístico de que necessitam todos os indivíduos, muito especialmente os surdos, que embora a via para a aquisição da modalidade oral da língua está impedida, possuem intacta a via para a aquisição da língua de sinais.



Outra inovação ocorreu no ano de 2010, com a criação da profissão de Tradutor/ Interprete de Libras por meio da Lei nº. 12.319.

Vale destacar que em solo brasileiro são reconhecidas dois tipos de línguas de sinais: a Língua Kaapor (LSKB) aplicada pela tribo indígena Kaapor, que possuem diversos componentes surdos, e a Libras usada no país, sendo a língua portuguesa reconhecida como segunda língua pelos indivíduos surdos.(FERNANDES, 2003)

Não se pode deixar de destacar um aspecto curioso, em países que utilizam e falam a mesma língua oral ocorrem diferenças nas línguas de sinais utilizadas, por exemplo, no Brasil / Portugal, Estados Unidos / Inglaterra: Respectivamente reconhecidas por Língua Brasileira de Sinais (Libras) / Língua Gestual Portuguesa (LGP) e Língua de Sinais Americana (ASL) / Língua de Sinais Britânica (BSL). (RAMOS, 2014).

Principais características

A aquisição da língua é elemento essencial para que o indivíduo se desenvolva, sejam para um ouvinte ou surdo.

Verifica-se que a criança desenvolve a fala de forma natural, isso porque, está inserida num ambiente de oralidade, no qual existe a troca e integração entre interlocutores que apresentam grau de habilidade oral diferentes, tais como adultos, crianças e demais envolvidos nesse processo de comunicação. Nesse sentido, a aquisição da língua se perfaz de maneira natural. No entanto, explica Quadros (2004), o que acontece com o indivíduo surdo é bastante diferente, porque ao nascer não se percebe a audição ou ela se perde antes de conhecer a língua.



Explica Valentini (2009), a Língua de Sinais apresenta um sistema bastante sofisticado, ainda que não exista a utilização de sons e sim das mãos, expressão facial e o corpo. Ainda de acordo com o autor, a Libras se constituiu de sintaxe e morfologia tão rica quanto a língua portuguesa oral.

A língua de sinais configura-se pelo uso essencial das mãos, com auxílio dos movimentos corporais e da face, que funcionam distintamente em face das suas variadas funções. No entanto, Pereira (2011) destaca a observação de duas regras, inicialmente, a simetria que determina que ao passo que as mãos se movimentarem para produzir o sinal, necessariamente as duas devem apresentar configuração idêntica e simultânea. Em segundo lugar deve ser dominância, ou seja, no momento de que as configurações das mãos sejam distintas, somente aquela ativa precisa se mover, ficando a outra como apoio.

Destaca-se que, a Libras como todas as demais línguas, apresenta a possibilidade de fazer com que o indivíduo expresse suas ideias através do padrão próprio. Dessa forma, de acordo com Quadros (2004) não há que se falar em uma língua mais eficiente do que a outra, e sim se trata de falantes com maior ou menor informação.

Nesse contexto, os favoráveis ao bilinguismo entendem que a Libras corresponde a classe das línguas naturais, reconhecendo nela o mesmo status linguístico das demais línguas naturais. Nesse sentido, segundo Skliar (1997) a língua de sinais não se opõe a língua oral, sendo as mesmas, formas distintas de comunicação.

De acordo com Quadros (2004), com base na compreensão do entendimento oralista acerca da língua de sinais e também acerca da surdez, o indivíduo acometido por tal limitação tem dificuldade de se incluir socialmente. Ainda que ideia que prevalece seja a favorável ao oralismo para promover a inclusão do surdo na comunidade ouvinte, torna-se impossível na realidade,



especialmente, pelo maior número de surdos. Tal situação reflete diretamente no desenvolvimento de sua linguagem, onde o mesmo é sobreposto pelo ouvinte, pela falta de compreensão.

Slomski (2010) ensina que assim como uma criança ouvinte recebe naturalmente a língua oral, o indivíduo surdo de certa forma, está pré-disposto à absorver a língua de sinais. Sendo entendido que a aquisição da língua é naturalmente a absorção de um padrão linguístico. Destaca-se que a língua de sinais especificamente é a única que se adquire por meio do diálogo contextualizado.

De acordo com Góes (1996), com base nas características da Língua de Sinais, a mesma pode ser compreendida como uma forma natural de comunicação para o indivíduo surdo, uma vez que, por ser a mesma uma língua espaço-visual (vista ao contrário de ser ouvida), e levando-se em conta a limitação quanto a percepção do som da fala por esse grupo, consiste naquela que possibilita a sua aquisição por meio da interação. Ainda segundo o autor, ao passo que a Língua de Sinais não depende de compensação ou recursos próprios para sua aquisição, a mesma configura-se como natural, uma vez que, está inclusa na espécie gestual-visual, ou seja, não encontra obstáculos para ser absorvida pela pessoa surda.

Quadros (2004) argumenta que, a língua de sinais pode ser compreendida se apresenta tão complexa e expressiva quanto à língua oral, que assim como as demais, prevê especificidades com base no local em que se propaga.

Nesse contexto, esse estudo propõe a partir dos próximos capítulos apresentar a importância da psicomotricidade no uso da Libras como forma de oferecer maior qualidade de comunicação.



Linguagem corporal

Como já mencionado no capítulo anterior, a Língua de Sinais é um meio de promover a inclusão da pessoa surda na sociedade.

Ressalta-se que, no contexto da Língua de Sinais o elemento corporal torna-se um requisito decisivo na forma para transmissão de determinada mensagem, apresentar coerência entre os sinais emitidos e a corporalidade, torna a mensagem melhor compreendida.

A linguagem corporal consiste no elemento integrante da comunicação que permite demonstrar os sentimentos e reações dos indivíduos, especialmente, no contexto da Língua de Sinais. Ao se compreender de forma mais eficiente a linguagem corporal, a mesma torna-se mais eficaz no entendimento da mensagem. (MOLCHO, 2007)

De acordo com Barreto (2012), as expressões faciais indicam sempre alguma intenção e certos sinais tem a capacidade de alterar totalmente o seu sentido em face da expressão facial usada.

Tanto a expressão corporal como facial é utilizada pela Língua de Sinais para determinar espécies de frases, assim como funciona na representação da entonação compreendida e utilizada na língua portuguesa. Nesse sentido, para compreender se uma mensagem em Libras é uma afirmação, exclamação, interrogação ou demais sentidos, se faz necessário dar atenção às expressões corporais e faciais empregadas na comunicação. (BRECALIO, 2012)

A Língua gestual apresenta sinais que ao serem usados concomitantemente com expressões corporais e faciais, determinam a mensagem a ser capturada pelo sentido visual e decifrada. Verifica-se que há sinais que apesar de serem iguais, tem significado distinto dependendo das expressões utilizadas. (BRECALIO, 2012)

De acordo com Barreto (2012), a expressão corporal é de extrema relevância no uso da Libras, uma vez que, a mesma pode alterar o significado de certos sinais, como já mencionado.

Expressão facial

Diversos sinais além dos padrões da Libras, tem como aspecto distintivo a expressão facial. Nesse contexto, se apresenta como meio de transmitir certa ideia ou alterar totalmente o seu significado em face da expressão facial usada.



Figura 1 – Tipos de expressões faciais

Fonte: Quadros e Pimenta, 2006

Na Figura 1 são apresentadas as formas distintas de expressões faciais (afetividade e as denominadas gramaticais).

Como já mencionado nesse estudo, a Libras faz uso tanto da corporalidade como também das expressões faciais na criação de espécies de frases, na elaboração da ideia a ser transmitida. Sendo de extrema relevância



atentar para as expressões faciais concomitantemente com os sinais. No Quadro 1 é possível conhecer algumas dessas expressões e seus significados.

- Expressão afirmativa: configura-se pela neutralidade facial ao transmitir a mensagem;
- Expressão indicativa de interrogação: consiste no franzimento das sobrancelhas com uma leve inclinação para cima da cabeça;
- Expressão de exclamação: assim como na interrogação há uma leve inclinação da cabeça para cima e para baixo;
- Expressão de negação: esse tipo pode variar, ou seja, sendo incluído o sinal de “não” no sentido real de negação, ou com a utilização de gesto distinto do sinal de não;
- Expressão negação e interrogação: consiste no franzimento das sobrancelhas juntamente com a inclinação de negação com a cabeça.

Quadro 1 – Tipos de expressões faciais e significados

Fonte: Quadros e Pimenta, 2006.

Verifica-se que, para que a língua de sinais seja utilizada com melhor eficácia, se faz necessário à adequação da expressão corporal com a ideia a ser repassada, sendo este aspecto um dos mais relevantes para o uso da Libras, uma vez que, os sinais são criados com base em parâmetros, combinando em muitos casos o movimento das mãos a determinada parte do corpo. Dessa forma, é importante a percepção da expressão corporal para que não sejam cometidos enganos na transmissão da mensagem.

Como é possível perceber, a expressão facial pode ser compreendida como a maneira mais natural de demonstrar todos os tipos de emoções. Utilizando-se também os olhos, a expressão facial torna-se a forma mais relevante para reforçar a mensagem a ser transmitida.

No entanto, não são todas as mensagens emitidas pela expressão facial que alcançam o total entendimento do receptor. Destaca-se, a expressão facial possui tanta relevância para a compreensão da ideia a ser transmitida quanto para repassar as emoções. (PESTANA, 2005)

Argyle (apud QUADROS; PATERNO, 2006) ensina que a expressão facial pode ser classificada quanto ao uso do olhar, boca, sobrancelhas e também do nariz. Sendo a mesma uma das formas mais relevantes para a compreensão da mensagem a ser transmitida na comunicação.

Não apenas os parâmetros que configuram a língua de sinais, existe também a complementação das expressões faciais ou não manuais. Essas são essenciais para a compreensão da mensagem, uma vez que, para dar sentido a ideia, o sinal precisa ser acompanhado de algum tipo de expressão facial, (olhos, boca ou sobrancelhas). (MARCATO, 2001)



Figura 2 – Principais expressões faciais

Fonte: Brecailo 2012.

De acordo com Brecailo (2012) na Figura 2 é possível verificar as expressões faciais mais utilizadas e relevantes na transmissão de determinada mensagem. Sendo por elas compreendida a maioria das emoções. Dessa



forma, em muitos casos, as expressões faciais podem ser mais eficazes do que propriamente o sinal emitido.

A expressão facial apresenta como função essencial expressar emoções de afeto, tais como: alegria, raiva etc (FIGURA 2). Nesse contexto, o uso das expressões faciais de afetividade configuram um aspecto gramatical.

Vieira et al (2014), explica que o uso das expressões faciais na emissão das mensagens negativas e interrogativas, apresentam uma função essencial na compreensão da Libras. Dessa forma, tais expressões são de extrema relevância. Entretanto, existe uma distinção entre expressões faciais de natureza gramatical ou de afetividade, como por exemplo, o uso do olhar pode significar sentimento de afeto ou uma situação gramatical.

Nesse sentido, a utilização das expressões não manuais na língua de sinais, ainda que não seja entendimento majoritário entre os estudiosos acerca do tema, uma parte considerável argumenta que os parâmetros gramaticais são classificados em primários, ou seja, são os desenhos feitos com as mãos (CM): que representa os sinais. De acordo com Brito (1995) as mesmas constituem quarenta e seis configurações das mãos na língua de sinais, no entanto, na atualidade foram incluídas mais algumas que com leves distinções que modificam a apresentação das mãos. Quanto aos parâmetros secundários, correspondem ao movimento das mãos e as expressões faciais.

Ainda que o entendimento de certos sinais possa somente ser comprometer pela falta da expressão facial relacionada, existem sinais alguns podem significar uma mensagem totalmente diferente pela falta da adequada expressão facial. Na Figura 3 são apresentados certos sinais que são realizados da mesma forma.



Figura 3 – Distinção entre os sinais

Fonte: Ferreira, 2011.

Como é possível verificar na Figura 3 o mesmo sinal pode ser utilizado tanto para expressar a ideia de “silêncio” de forma natural, como também de mandar silenciar de forma negativa. Tais sinais são feitos com base na mesma orientação da mão. Nesse contexto, o que os diferencia é a expressão facial. (BRITO, 1995)



Figura 4 – Representação copo cheio

Fonte: Ferreira, 2011.



É possível verificar na Figura 4, que as expressões não manuais também podem ser entendidas como meio de ampliar a intensidade dos sinais elaborados com as mãos, empregando a noção, por exemplo, de quantidade, ou seja, do copo estar cheio, com as mãos e a expressão facial. (QUADROS, 2004).

Segundo Brito (1995), dentre as expressões faciais utilizadas gramaticalmente na Libras estão os movimentos de cabeça (tanto afirmativo quanto negativo), o olhar, suspensão das sobrancelhas, inclinação da cabeça, mexer os lábios indicando uma negativa ou interrogativa, como também o franzimento da testa. Todas essas expressões estão relacionadas a uma base sintática.

Contextualização histórica da psicomotricidade

Foi através de professores que buscaram aperfeiçoamento em escolas francesas que a psicomotricidade surgiu em território brasileiro.

No ano de 1953, foram incluídas atividades relacionadas a psicomotricidade nas clínicas infantis do curso de Psicologia e, dezesseis anos depois, a matéria passou a fazer parte do currículo. No entanto, nos anos setenta, a disciplina foi dividida em I e II.

A psicomotricidade se tornou uma realidade no ano de 1977, com a criação do GAE (Grupo de Atividades Especializadas), incentivando dessa forma, os profissionais da área no desenvolvimento da psicomotricidade. Isso é observado em suas próprias palavras: (LOUREIRO, 2002)

Foi nessa época que diversos autores conceituaram a psicomotricidade como sendo uma motricidade relativa. Dessa forma, deu



início a distinção entre o modelo reeducativo e o terapêutico que começou a atentar-se para o corpo do indivíduo, oferecendo maior relevância ao afeto e as emoções. De acordo com Loureiro (2002), a pessoa configura um todo com base nas suas integrações com o mundo e seus pares.

Explica Loureiro (2002) que, o principal obstáculo para a difusão da psicomotricidade foi a falta de bibliografias acerca do tema, uma vez que, nesse momento da história não haviam muitos profissionais que dominavam o idioma francês, que era a base para o desenvolvimento da disciplina.

Já na década de oitenta foi criada a Sociedade Brasileira de Terapia Psicomotora influenciada pelas ideias oriundas da França. Tal instituição trouxe as publicações iniciais para essa disciplina.

No ano de 1983, foi criado no Estado do Rio de Janeiro o curso de pós-graduação em psicomotricidade, configurando uma grande inovação para tal disciplina.

Diante desse cenário, os profissionais começaram a desenvolver a psicomotricidade, buscaram promover experiências motoras. Dessa forma, se demonstrava a dificuldade de trabalhar com indivíduos com limitações como é o caso da surdez.

Considerações sobre psicomotricidade

Segundo Alves (2012) a finalidade da psicomotricidade não apenas a questão motora, mas também afetiva, promovendo o desenvolvimento da comunicação, oferecendo meios para que a criança tenha o controle do seu próprio corpo em sua plenitude.

Para Nicola (2004), a psicomotricidade configura um instrumento extremamente importante no aperfeiçoamento da comunicação através da



língua de sinais, promovendo uma melhor conexão com os movimentos e criando reações de afeto essencial para o seu crescimento.

É possível reconhecer a psicomotricidade como auxiliar no desenvolvimento e maturação de qualquer indivíduo. Nesse contexto, o uso desse recurso se mostra um relevante aliado para melhorar a transmissão das mensagens das pessoas com limitação auditiva. A psicomotricidade se configura como a relação entre o corpo, movimento e afetividade. Objetivando assegurar o desenvolvimento funcional de acordo com a deficiência apresentada. (NICOLA, 2004)

Verifica-se que o desenvolvimento da psicomotricidade junto aos indivíduos com déficit auditivo, apresenta-se essencial, considerando as dificuldades presentes na transmissão das mensagens orais. De acordo com Costa (2003), na hipótese da limitação auditiva se verificar na fase depois da etapa linguística, em nível leve, sugere a metodologia oralista que o indivíduo surdo possa se comunicar por meio da fala, utilizando o mínimo do que resta de audição através da leitura labial e também, aperfeiçoamento para identificar estímulos dos sons. No entanto, não sendo possível, aplica-se a língua de sinais.

Entretanto, como já mencionado nesse estudo, existe uma tendência acerca da opção bilinguista, a partir do uso inicial tanto da Libras como também da língua oral. O portador de deficiência auditiva que se comunica de forma manual, precisa de uma metodologia com foco em uma educação correta para desenvolver a escrita, uma vez que, existe uma distinção estrutural em relação a língua de sinais (ALVES, 2003).

É possível observar constantes dificuldades quanto a aplicação da pontuação e tempos verbais. Nesse sentido, o processo de aprendizagem tanto para ler quanto para escrever está intimamente relacionado ao



desenvolvimento da lateralidade, com maior tendência ao uso de um lado do corpo para utilizar as mãos, o olhar e os pés. (COSTA, 2003)

Destacam-se alguns objetivos a serem atingidos a partir do controle corporal, ou seja, através do fortalecimento das condições psicomotoras é possível fortalecer a concentração para promover uma melhor transmissão da mensagem desejada.

Destaca-se que, o corpo do indivíduo configura uma experiência específica consigo mesmo, sendo representada constantemente pelas expressões produzidas.

É possível conceituar esquema corporal como a forma de expressar as sensações em face das experiências vivenciadas. Ressalta-se que o desenvolvimento do Esquema Corporal se dá de forma gradual a partir do sistema nervoso e ao desenvolvimento normal dos aspectos motores. Observa-se que todo processo de aprendizado precisa ser realizado por meio de experiências reais praticadas com todo o corpo. Para alcançar tal objetivo é preciso desenvolver os aspectos a seguir: (COSTE, 1992)

- a) Percepção e controle do corpo: o indivíduo apresenta inicialmente as sensações para então utilizar o corpo. Isso se dá a partir dos estímulos que fomentaram a sensibilidade do corpo.
- b) O equilíbrio: configura o aspecto principal para a realização de todas as ações. Segundo Caste (1992), o pé, especialmente a planta tem função essencial para o desenvolvimento do equilíbrio, sendo necessário toque desta com o chão para refletir em todo o corpo.
- c) Lateralidade explica Cabral (2001) que todo indivíduo apresentam um controle maior de um lado do seu corpo. Ou seja, utiliza de forma mais eficiente os membros de certo lado. Geralmente, a lateralidade é estabelecida a partir do cinco anos de idade até os sete.



- d) Independência dos membros em relação ao tronco e entre si. Nos primeiros anos de vida os indivíduos tendem a movimentar-se de forma simétrica e simultânea, e a partir do seu desenvolvimento passam a fazer os movimentos de maneira independente (CASTE, 1992).
- e) Controle muscular: configura-se de extrema necessidade para que o indivíduo consiga manter a concentração para o processo de aprendizagem.
- f) Controle da respiração auxilia no desenvolvimento da concentração e relaxamento.

Os elementos citados são de extrema relevância para o indivíduo surdo que se utiliza da língua de sinais para manter sua comunicação.

Vantagens psicomotoras

A psicomotricidade no uso da língua de sinais, objetiva fazer com que o indivíduo entenda o seu próprio corpo em relação ao mundo exterior. Assim, o mesmo consegue mais recursos para transmitir a mensagem desejada do ouvinte.

Segundo Alves (2012) a psicomotricidade promove não somente os aspectos motores, mas também aspectos afetivos, desenvolvendo a comunicação e criando meios para a pessoa surda controlar seu corpo de forma plena.

Para Gonçalves (2009), no contexto da língua de sinais, a psicomotricidade funciona como uma ferramenta bastante relevante para desenvolver da melhor maneira os sinais a serem produzidos, o que oferece um ganho considerável tanto para o emissor da mensagem como para o ouvinte, relacionando os movimentos e permitindo relações de afetividade.



Nesse contexto, verifica-se que a psicomotricidade funciona como apoio ao desenvolvimento de maturação do indivíduo. Assim, com o controle do corpo, a pessoa surda adquire mais recursos para aplicar a língua de sinais para se comunicar. Como já menciona, a psicomotricidade consiste na relação entre o corpo, movimento e afetividade. A finalidade principal é assegurar o desenvolvimento funcional com base na limitação apresentada (surdez).

No contexto da educação infantil, se faz necessário que o professor esteja atento as fases do desenvolvimento da criança, agindo como facilitador da aprendizagem. E a psicomotricidade inclusa nesse processo de ensino, está relacionada às questões de afetividade motora e cognitiva.

Aspectos cognitivos

Tratar sobre do aspecto cognitivo, sempre é uma tarefa complexa. Isso porque ainda não é unânime, uma vez que, pode ser compreendido como tudo que se refere ao cérebro. Entretanto, a definição cognição consiste aos processos cognitivos que se desenvolvem nos primeiros anos de vida até o fim da vida. Ressalta-se que, o referido desenvolvimento está intimamente ligado a questão do aprendizado, não cabendo a compreensão separadamente. (LEVIN, 1995)

O desenvolvimento psicomotor é uma ferramenta extremamente importante para o indivíduo surdo, sendo uma forma natural de aprendizagem. Auxilia a integração com as demais pessoas surdas ou não e com o mundo que o cerca, promovendo também o seu desenvolvimento cognitivo e afetivo.

Através da língua de sinais é possível a comunicação ampla da pessoa com limitações auditivas, possibilitando sua interação com a sociedade.



Nesse contexto, é de extrema relevância o desenvolvimento psicomotor para aperfeiçoar o uso da Libras. (ALVES, 2012)

Ainda acerca da importância da psicomotricidade, destaca-se que os gestos realizados na língua de sinais, representam a ação dos indivíduos surdos que se integram através do simbolismo da relação com as coisas. A Libras, se vale do potencial do gestual para representar a língua, possibilitando que os sinais se apresentem como palavras e formem a mensagem a ser transmitida. (ALVES, 2012)

Vantagens relacionadas à afetividade

A psicomotricidade relaciona-se diretamente com os aspectos afetivos e também com a personalidade, uma vez que, a pessoa usa o recurso corporal para transmitir suas emoções. Dessa forma, o indivíduo com dificuldade motora fatalmente apresenta dificuldade também em se expressar. Nesse sentido, a psicomotricidade trabalha o indivíduo de forma completa, mas com direcionamento para a motricidade. (COSTE, 2002)

No caso do indivíduo surdo, o trabalho psicomotor deve ser aplicado por um profissional especializado em psicomotricidade, uma vez que, não é somente ministrar atividades, mas sim, desenvolver meios para adaptá-lo. (COSTE, 2002)

Destaca-se que a utilização de atividades lúdicas auxiliam bastante no processo de aprendizagem dos sinais pela pessoa surda, especialmente, o desenvolvimento das relações afetivas.

Explica Wallon (1992, p. 87):

A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo vida orgânica: é na relação com o ambiente social, que garante o acesso simbólico a cultura, elaborado e



acumulado pelo homem ao longo da história. É desta forma que a criança toma posse dos instrumentos para atividade cognitiva

O desenvolvimento das relações afetivas na fase da educação infantil é uma questão importante a ser considerada pelo educador. Uma vez que, é um mecanismo essencial para qualquer processo educativo atinja melhores resultados. Nesse sentido, para que a criança tenha a possibilidade de vivenciar novas experiências, as relações afetivas entre os alunos e os educadores são determinantes.

Diante dos benefícios oferecidos pela psicomotricidade, se faz necessário que o indivíduo surdo tem contato com tal experiência logo no início da aprendizagem da língua de sinais. Esse desenvolvimento proporciona melhor articulação para a montagem das representações simbólicas objetivando melhorar o entendimento da mensagem a ser transmitida.

Considerações finais

Diante dos argumentos apresentados conclui-se que a Libras possibilita ao indivíduo surdo se comunicar de maneira distinta e reconhecidamente importante para a inclusão dos mesmos na sociedade.

Dessa forma, a língua de sinais precisa também ser amplamente absorvida como uma prática social, não cabendo ser vista somente como recurso de mímica no entendimento dos ouvintes.

O aprendizado da língua de sinais envolve também o desenvolvimento do aparelho psicomotor das pessoas surdas. Nesse sentido, a psicomotricidade torna-se bastante relevante dentro do contexto de aprendizagem da Libras, oferecendo benefícios: físicos, afetivos e cognitivos.



Verifica-se que a psicomotricidade apresenta uma contribuição considerável na construção fonológica e na disposição das palavras na frase na língua de sinais, focando especialmente, na desenvoltura para elaboração e execução dos movimentos padrões dos sinais. No que se refere ao aspecto afetivo, a psicomotricidade ajuda no entendimento da importância desse meio de comunicação, promovendo um ganho na autoestima dos indivíduos surdos e sua inclusão social.

É possível identificar que, um dos problemas enfrentados no processo de aprendizagem da língua de sinais está relacionado no modo de transmitir e receber a mensagem, em face da ausência do desenvolvimento psicomotor do indivíduo.

Nesse sentido, destaca-se a importância da psicomotricidade para o melhor aprimoramento do aprendizado da língua de sinais.

Logo, se confirma a hipótese desse estudo, ou seja, que a falta ou falha no desenvolvimento da corporeidade apresenta como consequência uma comunicação deficiente em Libras. Sendo extremamente importante para se atingir uma melhor comunicação entre o indivíduo surdo e seu interlocutor, de modo que se promova o desenvolvimento psicomotor adequado.

Bibliografia

AFONSO, C. *Reflexões sobre a surdez*. A problemática específica da surdez.

VNG. Gailivro, 2008.

ALMEIDA, Elizabeth Oliveira Crepaldi de Almeida. *Leitura e Surdez: um estudo com adultos não oralizados*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

ALVES, Fátima. *Psicomotricidade: corpo, ação e emoção*. Rio de Janeiro: Wak, 2003.



ALVES, Fátima. *Psicomotricidade: corpo, ação e emoção*. Rio de Janeiro: Walk Editora, 2012.

BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. *Escrita de Língua de Sinais sem mistérios*. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2012.

BRECAILO, Solange de Fátima. *Expressão Facial e Corporal na comunicação em LIBRAS*. Disponível em: [http://www.imap.curitiba.pr.gov.br/wp-content/uploads/2014/03/apostila_curso_expressao_corporal%20\(1\).pdf](http://www.imap.curitiba.pr.gov.br/wp-content/uploads/2014/03/apostila_curso_expressao_corporal%20(1).pdf). Acesso em: 02 mar 2017.

BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

CABRAL, S. *Psicomotricidade relacional: prática, clínica e escolar*. Rio de Janeiro, RJ: Revinter, 2001

COSTA, M. (2003). Compreendendo o aluno portador de surdez e suas habilidades comunicativas. In: Magalhães, R. (Org.). *Reflexões sobre a diferença: Uma introdução à educação especial* (pp.125-134). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha.

FERNANDES, Eulália, *Linguagem e Surdez*. 1ª Ed. Porto Alegre: ArtMed, 2003.

FERREIRA, Adir Luiz; WECK, João Tadeu; SILVA, José Edmilson Felipe da; SOUZA, Margarete Ferreira do Vale de; Santos, Paulo Roberto de Andrade. Monografia, 2011 *Aprendendo Libras*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

GÓES, M. C. R de. *Linguagem, Surdez e Educação*. Campinas: Autores Associados, 1996.

JOKINEN, M. Alguns pontos de vista sobre a educação dos surdos nos países nórdicos. In: SKLIAR, C. (Org.). *Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos: processos e projetos pedagógicos*. Porto Alegre: Mediação, 1999.



- LOUREIRO, Maria Beatriz. A influência da escola francesa de psicomotricidade. In COSTALATT, Dalila et al. *A psicomotricidade otimizando as relações humana*. São Paulo. Ed. Arte&Ciências, 2002. p. 13-20.
- MOLCHO, Samy. *A linguagem corporal da criança: entenda o que ela quer dizer com os gestos, as atitudes e os sinais*. Tradução Claudia Abeling. – São Paulo: editora Gente, 2007.
- NICOLA, Mônica. Revinter. *Psicomotricidade – Manual Básico*. Revinter: Rio de Janeiro, 2004.
- PEREIRA, Maria Cristina da Cunha (org). *LIBRAS – conhecimento além dos sinais*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.
- PESTANA, G.D.M. Expressão facial. *Jornal “A Página”*, ano 14, n.149, p.43, out/2005.
- QUADROS, R. M; KARNOPP, L. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- QUADROS, R.M.; PATERNO, U. *Políticas lingüísticas: o impacto do decreto 5.626 para os surdos brasileiros*. Informativo Técnico-Científico Espaço, INES - Rio de Janeiro, n. 25/26, p.19, janeiro - dezembro/2006.
- RAMOS, Clélia Regina. *Olhar surdo: orientações iniciais para estudantes de Libras*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2014.
- SKLIAR, C. A Educação para os Surdos entre a Pedagogia Especial e as Políticas para as Diferenças. *Seminário Desafio e Possibilidades na Educação Bilíngue para Surdos*. Rio de Janeiro, INES: Lítera Maciel, 1997
- SLOMSKI, Vilma Geni. *Educação Bilíngue para Surdos - Concepções e Implicações Práticas*. Curitiba: Juruá, 2010.
- VALENTINI, C. B. *Língua Brasileira de Sinais e Educação de Surdos*. Caxias do Sul: EducS, 2009.
- VELOSO, Éden; MAIA FILHO, Valdeci. *Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez*. vol.1. Curitiba, PR: Mãos Sinais, 2009.



VIEIRA, Maristela . C. et al. *Análise de expressões não manuais em avatares tradutores de Língua Portuguesa para Libras*. Disponível em: http://www.tise.cl/volumen10/TISE2014/tise2014_submission_167.pdf. Acesso em: 02 mar 2017.



Identificação da Autora

CATIA CRISTINA SILVA – Magistério pela Sociedade Educacional Salgado de Oliveira. Pedagoga pelo Centro Universitário Celso Lisboa. Aperfeiçoamento em Estudos Adicionais na Área da Surdez pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos, INES. Especialização em Psicomotricidade pelo Instituto A Vez do Mestre AVM – CANDIDO MENDES. Graduação em andamento em Educação Física pelo Centro Universitário Celso Lisboa.

E-mail: catia.preta@gmail.com